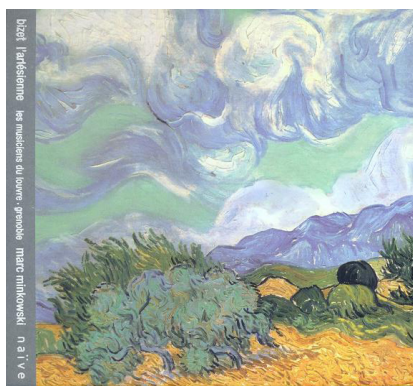


# SONS, CORES E HISTÓRIAS DA EUROPA MERIDIONAL

Thiago Saltarelli (UFMG)  
saltarelli@ufmg.br



## Ficha técnica

L'Arlesienne - Carmen | Bizet  
Les Musiciens du Louvre • Grenoble  
Chœur de l'Opéra de Lyon  
Regente do coro: Alan Woodbridge  
Direção: Marc Minkowski  
Selo: Naïve  
Produzido na Itália, 2008  
120 páginas

“Quatro suítes, quatro paletas, quatro maneiras de contar, duas tragédias ensolaradas, um só compositor cuja simplicidade buscada e inflexível oculta um poema a cada compasso”. Assim se define o álbum *L'arlésienne-Carmen*, lançado no verão europeu de 2008 pelo selo Naïve, com gravações de peças do compositor francês Georges Bizet pelos Musiciens du Louvre-Grenoble, sob a direção de Marc Minkowski. Dois anos após o seu lançamento, ainda é tempo para elogios a esse belo trabalho que ultrapassa as fronteiras de um projeto puramente musical. O álbum constitui-se como uma espécie de “livro-disco” de arte, no qual encontramos música, pintura e literatura ao longo de suas 120 páginas.

Em primeiro lugar, o trabalho concentra-se em torno da(s) obra(s) *L'arlésienne* (*A arlesiana*, isto é, a donzela de Arles, cidade do sul da França). A trágica história do pastor enamorado por uma donzela de Arles foi narrada originalmente pelo escritor Alphonse Daudet no conto “L'arlésienne”,

que compõe a sua coletânea de contos *Lettres de mon moulin* (*Cartas de meu moinho*). Posteriormente, o próprio Daudet adaptou a história para o palco, reescrevendo-a em forma de peça de teatro. Essa peça é que motivou Bizet a compor a sua *L'arlésienne*, cuja partitura original presta-se à função de música incidental para a peça de Daudet. Pois bem, o álbum nos brinda com a transcrição do conto de Daudet, de 1866, e, ainda, com um trecho da versão teatral, de 1872. O leitor-ouvinte pode, assim, ter conhecimento da obra literária com a qual Bizet dialoga.

Reforçando a ambientação meridional, temos, em segundo lugar, um percurso iconográfico por obras de Van Gogh, Gauguin, Francis Bacon e Joan Mitchell, todas elas ligadas de alguma forma ao ambiente do sul da França. Van Gogh ali viveu por cerca de dois anos, em Arles e, num hospital psiquiátrico, perto de Saint-Rémy-de-Provence. Por dois meses em Arles, Gauguin foi seu hóspede. Ambos pintaram diversas telas retratando cenas, locais e situações da região. Bacon e Mitchell, por sua vez, embora não diretamente vinculados a esse ambiente, dialogam com a obra de Van Gogh, num processo intertextual de citações, alusões e referências. Assim, o álbum também é um deleite para os olhos, com as reproduções de obras dos pintores mencionados.

Finalmente, no que toca à música, Minkowski nos ensina que a vertente de interpretação hoje conhecida como prática de *música antiga* já deixou de se referir apenas a um recorte cronológico – do Barroco para trás – para contemplar toda uma filosofia de trabalho. Essa filosofia, que já abarca obras e autores do período romântico, como Berlioz, Bizet, Schumann ou Offenbach, dentre outros, além do trabalho com as fontes primárias e com a tentativa de reconstituição histórica dos contextos de produção e recepção da obra musical, pauta-se pelo compromisso com a clareza e com a precisão na execução de uma obra. O ouvinte tem o privilégio de escutar todas as vozes presentes na partitura, sem que elas se tornem uma massa amorfa sonora, o que nos descortina um novo e revigorado universo estético. Assim se dá, por exemplo, nas entradas das trompas das duas *pastorali*. Um ataque curto e seu imediato abandono garante que a harmonia dos compassos posteriores, no âmbito das trompas, será preenchida mais pelos harmônicos que continuam a soar do que pela nota real sustentada, a qual não encobrirá os instrumentos mais delicados com sua força. As cordas também demonstram o

vigor dos ataques secos e precisos, que conferem uma maior sensação de agilidade, por exemplo, à *ouverture* (suíte n.1), ao minueto (suíte n.1) e à farândola (suíte n.2). A farândola da música incidental (ato III, quadro 4), juntamente com o coro (ato III, quadro 5), tem como um de seus méritos a parte da percussão, com a presença de um *tambourin* provençal conferindo todo um colorido e um charme regional aos movimentos. Por fim, a clareza da execução também se verifica nas passagens mais *cantabili*. Nos melodramas da música incidental, para quarteto de cordas (um prato cheio para os que gostam de chapar as vozes uma sobre a outra e promover uma geleia sonora, diga-se de passagem!), todas as notas da harmonia são ouvidas com clareza, e mantém-se a delicadeza dos acentos schubertianos, nas palavras do próprio Minkowski. Contudo, a precisão nas articulações não implica um desrespeito à estética romântica. A frase longa – mais pictórica que retórica –, a grande linha do *legato* que parte quase do silêncio até chegar ao ponto culminante também estão presentes na interpretação, como se pode observar no belíssimo *adagietto* da suíte n.1 ou no *crescendo* das cordas em *sautillé*, na *ouverture*, em sua terceira exposição do tema.

Os termos que mencionamos para denominar cada peça (suítes n.1 e 2, música incidental) são explicados num texto de autoria de Marc Minkowski. O regente esclarece que, para compor o álbum, optou pela seguinte disposição: gravar a suíte que o próprio Bizet compôs, a partir de trechos da música incidental, em 1872, a qual ficou sendo a *suíte n.1*; escolher alguns trechos da música incidental original e gravá-los compondo uma espécie de nova suíte, que no álbum é designada como *música incidental*; gravar a suíte composta em 1879 por Ernest Guiraud, amigo de Bizet, que ficou sendo a *suíte n.2*; finalmente, suplementando o contexto composto pelos sons de Bizet e pelo ambiente da Europa meridional, registrar o prelúdio e os entreatos da *Carmen*, compondo mais uma vez uma espécie de nova suíte. Essas são as quatro suítes, as quatro paletas, as quatro maneiras de contar a que se refere Minkowski em seu texto. O álbum ainda traz um texto de Lesley Wright sobre *L'arlésienne* e *Carmen*, de Bizet, e outro de Gérard Condé sobre a cultura musical provençal. Todos eles, escritos em francês, juntamente com as obras de Daudet, também são apresentados em traduções para o inglês e o alemão.

Trata-se, sem dúvida, de um trabalho ao mesmo tempo delicado e robusto, que encantará o ouvinte-leitor pela sua qualidade indiscutível e pela sua riqueza artística. Mais um mérito dos Musiciens du Louvre-Grenoble e do diretor Marc Minkowski, que nos conduzem a uma viagem pelos sons, pelas cores e pelas histórias da Europa meridional.

---

**Thiago Saltarelli** é graduado em Letras, Mestre em Teoria da Literatura e Doutorando em Literatura Comparada pela UFMG. Foi violinista da Orquestra Jovem SesiMinas por doze anos e também da Orquestra Jovem do Palácio das Artes. Atualmente desenvolve pesquisa sobre as interfaces entre retórica, poética e música, com foco nos períodos medieval, renascentista e barroco.

---